



NUNO FERREIRA SANTOS

publico.pt



Gaspar bate com a porta por não ter condições para negociar com a *troika*

Ex-ministro diz que pediu a demissão pela primeira vez em Outubro de 2012. Escolha de Maria Luís Albuquerque recebida com surpresa. A reacção em Bruxelas, o balanço do consulado de Vítor Gaspar e o retrato da nova ministra
Destaque, 2 a 9 e Editorial

“

A ausência de um mandato para concluir atempadamente o sétimo exame não me permite agora continuar

”

Pais do Amaral paga 1,4 milhões e evita acusação de fraude

O empresário pagou mais de 1,4 milhões de euros ao Estado no âmbito da *Operação Furação*. A actriz Marina Mota está entre os 30 acusados no primeiro dos sete inquéritos a concluir **p10**

Isentos de taxas na saúde duplicaram em apenas um ano

O número de portugueses isentos na saúde por motivos económicos em 2012 duplicou em relação ao ano anterior, passando de um milhão e meio para quase três milhões **p14**

Exército egípcio deixa cair o Presidente Morsi

Forças Armadas dizem que vontade do povo tem de ser respeitada e lançaram ultimato no qual dão 48 horas ao Governo para decidir sobre o futuro do Presidente Morsi **p22/23**

PUBLICIDADE

CAMBRIDGE SCHOOL
PORTUGAL

Cursos intensivos de verão e ano lectivo inscrições abertas

www.cambridge.pt INGLÉS | FRANCÉS | ALEMÃO | PORTUGUÊS PARA ESTRANGEIROS

PUBLICIDADE



HOJE É DIA DE POUPAR NO BANIF

CONSTITUA O DP ESPECIAL POUPANÇA, A UMA TAXA EXCLUSIVA, DISPONÍVEL **APENAS HOJE**, NO BANIF@ST.
Consulte as condições promocionais em www.banif.pt ou através do 808 200 200.



<http://tiny.cc/3b2jj>

BANIF
A força de acreditar



É preciso descobrir William Pereira, de Los Angeles a Doha

Desconhecido entre os portugueses, devem-se a este arquitecto luso-descendente alguns dos edifícios que marcam a imagem de várias cidades nos Estados Unidos ou no Qatar. Espaços que são ícones ou vice-versa

Arquitectura Paulo Martins Barata

William L. Pereira (1909-1985) é um nome inteiramente desconhecido dos portugueses. No entanto, ele está para a arquitectura como John dos Passos está para a literatura da diáspora açoriana.

Emigrante de segunda geração na Califórnia (os pais eram naturais da Terceira), Pereira criou alguns dos edifícios mais icónicos da West Coast nas décadas de 1960 e 70. Quem imagina a silhueta de São Francisco sem a icónica TransAmerica Tower, o esbelto e invulgar arranha-céus em pirâmide? Ou o aeroporto LAX, sem o seu mítico Theme Building, contemporâneo dos “Jetsons” e celebrado no cinema como incontornável imagem da chegada a Los Angeles? Ou na costa oposta, o Centro Espacial de Cape Canaveral da Florida?

A razão por que Pereira me interessa como arquitecto nem é o facto da sua ascendência portuguesa fazer prova de algum gene arquitectónico português por descobrir, mas o facto de ser um autor verdadeiramente notável. Obscurecido no véu do anonimato que tantas vezes envolve a arquitectura *corporate* e expurgada das idiossincrasias do seu tempo, a sua obra renasce agora, passadas décadas, com crescente actualidade.

Pereira não é aliás um caso isolado. Para arquitectos como Rem Koolhaas e Herzog & de Meuron, está na ordem do dia absorver e revisitar (por vezes até de forma demasiado literal) os autores do final do International Style. Esta espécie de arquitectura de calças “à-boca-de-sino” inclui figuras como Ed Stone (o arquitecto do MoMA), Roche & Dinkeloo (prémios Pritzker caídos no desencanto da obscuridade e autores da Ford Foundation em Nova Iorque), John Portman (autor do polémico Buenaventura Hotel em LA, o “*quintessential atrium building*” de Fredric Jameson), Paul Rudolph (autor da Yale School of Architecture) e Minoru Yamasaki (conhecido pelo seu inconfundível estilo “*modern gothic*” do qual o World Trade Center foi uma das suas criações mais notáveis).

No início da década de 70, com a influência das petrolíferas norte-americanas nos países árabes, a



O mítico Theme Building tornou-se imagem de marca na chegada ao aeroporto de Los Angeles



Das pirâmides: a invertida, da Biblioteca Geisel da Universidade da Califórnia; e a da torre TransAmerica



Sheraton Hotel

corporação Pereira & Associates desenvolveu o Plano Director de Doha, logo a seguir à independência da coroa britânica do pequeno emirato do Qatar em 1971.

Da península desértica de água azul-coral que encontrou, Pereira criou uma cidade com base no modelo de planeamento que lhe era mais familiar: uma metrópole californiana com uma baixa de arranha-céus conectada por um sistema de *ring-roads* de cinco faixas e rematada por uma longa avenida marginal

imaculadamente ajardinada. Por sua vez, esta corniche é pontuada por edifícios notáveis (correios, teatro, bombeiros...), alguns dos quais desenhados por Pereira.

O mais icónico é o Sheraton Hotel, localizado no extremo do West Bay, e que, tal como a torre TransAmerica que o celebrizara na década anterior, é em forma de pirâmide, mas que neste caso resulta num colossal *atrium building* ao gosto da época, com os quartos em cascata criando um daqueles panoramas monumen-

tais, dignos de uma fotografia de Andreas Gursky.

Pereira ensaiara anos antes o projecto de outro edifício em pirâmide, neste caso invertida, mas igualmente espectacular, para a Biblioteca Geisel da Universidade da Califórnia em San Diego. Mas em Doha, independentemente das recentes incursões dos “Jean Nouvels” deste mundo, o Sheraton de Pereira permanece o ícone indestronável: um objecto simultaneamente naïve pela sua escala e heróico pela situação urbana.

Num tempo e num lugar em que o conceito de hotel de luxo americano encerrava ainda a mística de uma cidadela proibida, exclusiva e secretista, o Sheraton Doha seria o local convencionado para encontros entre xeques, homens de negócios, diplomatas e funcionários da CIA. Hoje decadente, o seu *night-club* panorâmico no topo da pirâmide, decorado com espelhos oxidados, painéis de cobre martelado e alcatifas geométricas reforça em nós a certeza de que foi palco desses auspiciosos encontros.

Quem ficar demoradamente em Doha, acabará, como eu, por sentir a presença de William Pereira enquanto arquitecto e urbanista. Imagino-o com quase 60 anos, exausto, chegado ao Qatar num Douglas DC-10 da PanAm, num voo de 26 horas de Los Angeles com escala em Paris, num fato de terylene bege e gravata “club”, transportado de seguida num Jeep do exército americano, sob a inclemência de um sol a arder na pele a 50°C, para uma reunião na tenda do emir.

Há algo de absolutamente épico nesta modernidade monumental e celebratória de Pereira, ainda optimista sobre os benefícios da economia dos hidrocarbonetos, apesar da iminente crise do petróleo de 1973.

Num tempo de *soundbytes*, em que tudo tem assinatura, autoria e prémio, em que todo o arquitecto reclama reconhecimento, bienal, citação, doutoramento e solenidade monográfica, o anonimato deste luso-descendente é notável em si mesmo. O que foi que disse um dia Fernando Pessoa, esse outro ilustre anónimo? “O meu passado é tudo quanto não consegui ser.”

Paulo Martins Barata é arquitecto em Doha e Lisboa